

Qual a contribuição do Brasil para o Efeito Estufa pela emissão de gás carbônico na atmosfera terrestre? Acusado de ser um grande emissor, o Brasil está entre os que poucos contribuem com o fenômeno, segundo os novos dados apresentados pela Energy Information Administration dos EUA¹ e pelo Balanço Energético Nacional 2010 – Ano Base 2009².

Em termos absolutos, o mundo emitiu 31,5 bilhões de toneladas de CO₂ de origem fóssil em 2008. A China respondeu por 21% das emissões mundiais (6,5 bilhões de toneladas), seguida pelos Estados Unidos (19%), Rússia (5,5%), Índia (4,8%) e Japão (3,9%). Esses cinco países representam 53,4% das emissões planetárias. A China aumentou suas emissões em praticamente um bilhão de toneladas entre 2005 e 2008! O Brasil, com 428 milhões de toneladas anuais, ficou em 17º lugar (1,4%), bem atrás da Alemanha, Canadá, Inglaterra, Irã, Itália, África do Sul, Austrália, México, Indonésia e outros.

A Austrália e os Estados Unidos são líderes da emissão de CO₂ por habitante/ano: 20,3 e 19,9 toneladas e só perdem para alguns países produtores de petróleo como Qatar (74 t) ou Emirados Árabes (43t). Em seguida vêm o Canadá (17,9 t), a Holanda (17 t), a Estônia (16 t), a Bélgica (14,9 t) e a Rússia (11,7t). Com 17 t, a Holanda é uma das campeãs europeias das emissões por habitante. E o Brasil? Cada brasileiro emite 2,1 toneladas de CO₂ por ano. Não basta plantar apenas duas ou três árvores por pessoa para retirar esse carbono da atmosfera. Mas emitimos dez vezes menos do que australianos e norte-americanos, quatro vezes menos do que os europeus e metade da média mundial. Ocupamos a posição de 86º no mundo, muito atrás, de muita gente.

O quociente entre o total de toneladas CO₂ emitidas por um país e seu Produto Interno Bruto (PIB) dá uma medida da eficiência energética e ambiental das economias nacionais na geração de riquezas. A grosso modo, quanto mais eficiente o país, menor o número. Dada a variação da cotação do dólar entre países, o PIB foi calculado em função do poder de compra das moedas nacionais, o chamado Purchasing Power Parities (PPP). Os campeões de emissões de CO₂ para gerar riquezas são Coreia do Sul (1,45), África do Sul (1,38), Cuba (1,34) e Ucrânia (1,2). O Brasil, com um quociente de 0,24 é mais eficiente do que uma centena de países no mundo: ocupamos a posição de 104.

Mas qual seria a posição do Brasil entre os emissores de CO₂, caso às emissões de origem fóssil fossem agregadas as resultantes dos desmatamentos e queimadas? Quem afirma que o Brasil ocuparia o quarto lugar é no mínimo desonesto. Isso significaria agregar mais de um bilhão de toneladas de CO₂ às nossas emissões anuais. Ninguém sabe exatamente qual seria a posição do Brasil por duas razões.

Em primeiro lugar, o país não dispõe de uma avaliação criteriosa do total de CO₂ emitido anualmente como resultado de desmatamentos e parte das queimadas. O Inventário Brasileiro de Emissões data de 15 anos e apresenta uma dezena de incorreções. Sequer descontou a madeira industrializada das áreas desmatadas, convertendo tudo em fumaça.

Em segundo lugar, o mesmo cálculo deveria ser realizado pelos outros países do mundo para ser possível comparar. Anualmente incêndios florestais de grandes proporções ocorrem nos EUA, Canadá, Alasca, Rússia, Austrália, países do Mediterrâneo e em diversos outros. A vegetação é muito comburenta (pinheiros e resinosos) e tudo vira cinzas. Acaso a Rússia, por exemplo, incluirá os enormes incêndios do verão passado em suas emissões?

O desmatamento prossegue em diversos países tropicais e temperados. Acaba de ser publicado nos Anais da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, um estudo planetário, com base em imagens de satélite sobre a perda de florestas ocorrida entre os anos 2000 e 2005³. No período, o Brasil perdeu 164.000 km² e o Canadá 160.000 km²! Em termos percentuais, os EUA perderam 6% de suas florestas (recorde mundial!) e o Canadá 5,25%⁴. A perda de florestas boreais no período foi de 351.000 km² contra 272.000 km² de florestas tropicais! Acaso esses países agregam essas emissões em seus balanços? Não. Agregar emissões dessa natureza ao cálculo do Brasil e compará-lo com as únicas emissões fósseis dos outros países é uma desonestidade. Sem falar do que eles acumularam no passado. A título de exemplo, só para igualar o acumulado das emissões de CO₂ pelos países da OCDE, apenas da RIO-92 para cá, o Brasil levaria mais de 450 anos.

O que explica esse excelente desempenho ambiental do Brasil é sua matriz energética: 47,3% de energia renovável contra uma média mundial inferior de 18,6% e de apenas 7,2% de energia

renovável nos países membros da OCDE. A agricultura brasileira garante 32,9% dessa energia renovável. Em 2009, segundo o Balanço Energético Nacional, só a cana-de-açúcar, com o etanol e a cogeração de energia elétrica, contribui com 18,1% na matriz, mais do que todas hidroelétricas juntas (15,3%). Poucos países possuem uma economia de tão baixo carbono como a nossa. Existe uma vitimização do País e de sua agricultura nesse tema, cultivada aqui e no exterior. O excepcional desempenho energético e ambiental do Brasil e de sua agricultura não é uma licença para aumentar de forma irresponsável as emissões de CO₂, mas nesse tema estamos mais para vítimas do que para réus.

Notas

- 1 - IEA: <http://tonto.eia.doe.gov/cfapps/ipdbproject/IEDIndex3.cfm?tid=90&pid=44&aid=8>
- 2 - <https://ben.epe.gov.br/>
- 3 - <http://www.pnas.org/content/early/2010/04/07/0912668107>
- 4 - http://news.mongabay.com/2010/0427-hance_forestloss.html